

ARQUITETURA DO SAGRADO

As encruzilhadas da feira de São Joaquim, Salvador/BA

Rodrigo Mato Grosso

Universidade Federal da Bahia | rodrigo.omgp@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: 5º Seminário de Arquitetura Vernácula/Popular | (3) História, memória e patrimônio

Resumo: A feira de São Joaquim, atualmente a maior feira livre de Salvador, capital da Bahia, é conhecida por possuir em suas dependências uma série de lojas com produtos utilizados em religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda e diariamente é visitada por inúmeras pessoas, entre turistas e religiosos. Com um histórico que remonta o início do século XX, a feira, que já se chamou feira do Sete e Feira de Água de Meninos, enfrentou o poder público e problemas que levaram à sua mudança de local, mas a presença da população afro-descendente se fez perceptível desde os primeiros anos da sua história. Essa presença afro-brasileira se fez notória também nos costumes e práticas religiosas desse grupo, uma vez que o ambiente do mercado se apresenta como um dos domínios de Exu, orixá da comunicação e das encruzilhadas, apontado como aquele responsável pela transmissão de mensagens entre deuses e homens. Este trabalho tem como objetivo discutir o desenho da feira através da observação e registro imagético, uma vez que sua própria arquitetura, com seus caminhos labirínticos e suas inúmeras encruzilhadas, mostram como o seu desenho possibilitou maior apropriação do espaço por aquele grupo, possibilitando os inúmeros chamados dos feirantes para atrair seus clientes, numa sonoridade que, antes de ser perturbadora, impulsiona o comprador para uma direção, depois para outra, onde é possível ter dúvida de onde e como comprar, recuar, lembrar de onde os seus mais velhos compravam, ou mesmo seguir um rito, de sempre comprar no mesmo lugar. Há um ritmo, e o que pode parecer transgressor fora da feira, em seu interior, é demonstração da cultura. Para apresentação do trabalho, foi escolhida a modalidade de trabalho de artigo, visto que este formato conversa diretamente com a pesquisa a qual o autor vem dialogando nos últimos anos.

Palavras-chave: feira de são joaquim; desenho urbano; encruzilhada; exu

ARCHITECTURE OF THE SACRED: THE CROSSROADS OF THE SÃO JOAQUIM FAIR, SALVADOR/BA

Abstract: The São Joaquim market, currently the largest open-air market in Salvador, the capital of Bahia, is known for housing numerous shops with products used in Afro-Brazilian religions, such as Candomblé and Umbanda. It is visited daily by countless people, including tourists and religious practitioners. With a history dating back to the early 20th century, the market, which was once called Feira do Sete and Feira de Água de Meninos, faced public authorities and issues that led to its change of location. However, the presence of the Afro-descendant population has been evident since its earliest years. This Afro-Brazilian presence also became notable in the customs

and religious practices of this group, as the market environment is seen as one of the domains of Exu, the orixá of communication and crossroads, who is considered responsible for transmitting messages between gods and humans. This study aims to discuss the market's design through observation and visual documentation, as its very architecture, with its labyrinthine paths and countless crossroads, shows how its layout allowed for greater appropriation of the space by that group. This layout enables the numerous calls from vendors to attract their customers, creating a soundscape that, rather than being disruptive, propels the buyer in one direction, then another. It's a place where one can be unsure of where and how to buy, retreat, remember where their elders used to shop, or even follow a ritual of always buying from the same place. There is a rhythm, and what might seem transgressive outside the market is, inside, a demonstration of culture. For the presentation of this work, the article format was chosen, as it directly aligns with the research the author has been engaging with in recent years.

Keywords: são joaquim market; urban design; crossroad; exu.

ARQUITECTURA DE LO SAGRADO: LA ENCRUCIJADA DE LA FERIA DE SÃO JOAQUIM, SALVADOR/BA

Resumen: La Feria de São Joaquim, actualmente el mercado al aire libre más grande de Salvador, capital de Bahía, es conocida por albergar en sus instalaciones una serie de tiendas con productos utilizados en religiones de matriz africana, como el candomblé y la umbanda. Diariamente es visitada por innumerables personas, entre turistas y religiosos. Con una historia que se remonta a principios del siglo XX, la feria, que ya se llamó Feira do Sete y Feira de Água de Meninos, se enfrentó al poder público y a problemas que llevaron a su cambio de ubicación, pero la presencia de la población afrodescendiente fue perceptible desde los primeros años de su historia. Esta presencia afrobrasileña también se hizo notoria en las costumbres y prácticas religiosas de este grupo, ya que el ambiente del mercado se presenta como uno de los dominios de Exu, orixá de la comunicación y de los cruces de caminos, señalado como el responsable de la transmisión de mensajes entre dioses y hombres. Este trabajo tiene como objetivo discutir el diseño de la feria a través de la observación y el registro visual, ya que su propia arquitectura, con sus caminos laberínticos y sus innumerables cruces de caminos, muestra cómo su diseño posibilitó una mayor apropiación del espacio por parte de ese grupo. Esto permite los innumerables llamados de los feriantes para atraer a sus clientes, en una sonoridad que, antes de ser perturbadora, impulsa al comprador hacia una dirección, luego hacia otra, donde es posible dudar de dónde y cómo comprar, retroceder, recordar dónde compraban sus mayores, o incluso seguir un rito, de comprar siempre en el mismo lugar. Hay un ritmo, y lo que puede parecer transgresor fuera de la feria, en su interior, es una demostración de la cultura. Para la presentación del trabajo, se eligió la modalidad de artículo, ya que este formato dialoga directamente con la investigación con la que el autor ha estado trabajando en los últimos años.

Palabras clave: feria de são joaquim; diseño urbano; encrucijada; exu.

1. INTRODUÇÃO

A feira de São Joaquim, localizada na Cidade Baixa, em Salvador, capital da Bahia, possui marcos em sua história que se mostram importantes na sua própria construção enquanto equipamento urbano da cidade. Criada num período onde o comércio florescia no entorno do Porto de Salvador, devido aos produtos que vinham de cidades do Recôncavo Baiano, como Santo Amaro e Maragogipe (Tavares, 1961) através da rota comercial estabelecida na Baía de Todos os Santos. Inicialmente era localizada próximo ao armazém número 7 do Porto, no início dos anos 1920 e recebia o nome de Feira do Sete. Esta feira funcionava em dias da semana determinados, dando a ela um caráter temporário (de Oliveira e Angélico, 2007). A feira do Sete passou por um crescimento devido à sua procura por parte da população soteropolitana, o que proporcionou a sua transferência de localidade e mudança da sua periodicidade, se tornando agora uma feira permanente, um mercado a céu aberto. Esta mudança para o bairro de Água de Meninos implicou também na mudança de seu nome, que passou a ser feira de Água de Meninos, atendendo não apenas a população do seu entorno imediato, mas boa parte dos cidadãos soteropolitanos, que viam ali a possibilidade de preços baixos. A feira se manteve na localidade até setembro de 1964, quando um incêndio a destruiu (Pochat, 2014). Este incêndio possibilitou a transferência da feira para a enseada de São Joaquim, modificando seu nome para feira de São Joaquim, apresentada na Figura 1, que mostra a vista do seu pór:

Figura 1: Vista da Feira de São Joaquim



Vista do pier da Feira de São Joaquim com Porto de Salvador ao fundo.
Fonte: autoria própria.

A feira de São Joaquim continuou atendendo as mais diversas pessoas de Salvador. Até os dias atuais, São Joaquim se mostra uma boa opção para quem busca preços acessíveis, um fato que a tornou a maior feira livre da cidade. Mas, um ponto que se tornou marcante na feira é o comércio de itens religiosos ligados às religiões de matriz africana. É possível perceber que as feiras sempre foram fortemente povoadas pela população negra de Salvador, o que nos leva a pensar no quanto a feira foi influenciada pela cultura afro-descendente e como a mesma passou a ser ocupada por este grupo, que viu ali um espaço onde suas práticas podiam ser desenvolvidas.

2. A FEIRA NEGRA

A feira de São Joaquim, até os dias atuais, segue como um ponto comercial que atende a necessidade de muitos soteropolitanos, enfrentando a concorrência de grandes redes de supermercados que se estabeleceram em Salvador. Mas, São Joaquim é fortemente conhecida por ser um local onde é possível encontrar elementos e materiais necessários para religiões de matriz africana, como candomblé e umbanda, exemplificados na figura 2:

Figura 2: Produtos da feira de São Joaquim



O comércio destes elementos faz parte de uma construção que pode ser percebida desde o início do século XX em Salvador, uma vez que negros libertos sempre fizeram parte da população de mercados populares na cidade. A presença da população negra em mercados de rua e feiras livres sempre foi marcada, pois eles eram responsáveis pela execução de trabalhos braçais, aqueles que a população branca da cidade considerava inadequado para ela. De acordo com Novaes (2019), a Enseada de Água de Meninos “foi ocupada e circulada em sua maioria por africanos, negros e afrodescendentes e suas atividades não prestigiosas, voltada para o labor físico.” (Novaes, 2019, p. 67). Assim, uma vez que este grupo estava tão presente no território das feiras e mercados, podemos nos perguntar como a cultura da população se manifestava naquele espaço. A autora afirma que:

esses grupos étnicos forçados a vir para a Bahia em condição de escravos produziram sinais diacríticos, que ao mesmo tempo em que se diferenciavam, faziam com que também compartilhassem práticas, crenças e representações culturais mútuas. (Novaes, 2019, p. 69)

O entendimento das representações culturais mútuas que a autora cita nos leva a refletir acerca da presença africana no Porto de Salvador e a forma como este grupo influenciou as práticas e hábitos dos frequentadores dos mercados, transformando estes locais em centros onde a cultura e religiosidade africana podiam ser percebidas e vivenciadas, uma vez que as mesmas encontraram ali, espaço para a sua preservação. Dentro desta perspectiva, podemos entender que feiras livres possuem uma característica que permite o encontro de culturas, possibilitando o cruzamento de saberes e costumes, criando a partir disso suas próprias práticas, que se espelham na prática original, mas também assumem características únicas, ligadas ao local onde se desenvolvem. Percebe-se que, os mercados populares que surgiram na Salvador do início do século XX possuem características próprias, que são produtos do cruzamento entre a ideia de mercado comum na Europa, apontado por Sennett como aquele espaço onde mercadorias eram trocadas visando o abastecimento da população e onde “as trocas por dinheiro, com pouca ou quase nenhuma participação de intermediários profissionais” (Sennett, 1997, p. 168). Ao mesmo tempo, é possível perceber características próprias de mercados africanos. De acordo com Sarr (2019), os mercados africanos não podem ser reduzidos apenas pela lógica capitalista de mercado, voltado ao acúmulo de capital, uma vez que os mesmos se apresentam como espaço de sociabilidade, onde saberes populares, como os relacionados à espiritualidade e terapias alternativas podem ser encontrados. Logo, é possível perceber que a própria construção da feira de São Joaquim apresenta características cruzadas, onde o foco na subsistência se encontra aos vínculos comunitários dos mercados africanos, o que resulta numa feira livre que permite a criação de relacionamentos entre as pessoas e com o próprio espaço. Cientes dessa construção, percebemos que a ideia do cruzamento cultural pode ser debatida utilizando conceitos próprios da cultura africana, de modo a relacionarmos as feiras e o saber negro que fez parte da própria construção daquele espaço. Isso se torna possível pois estes locais passaram a ser associados à população negra de Salvador, que passou a se reconhecer ali, reproduzindo imagens e elementos relacionados à sua cultura. Assim, entende-se que feiras livres não são vistas apenas pelo seu papel de compra e venda de produtos, mas também espaços de expressão cultural, principalmente aquelas relacionadas à população negra de Salvador, que encontrou ali um lugar onde era possível vivenciar sua cultura, arte e religiosidade. A feira passa a ser entendida como espaço de expressão corporal, possibilitando a sua apropriação, se baseando no papel da mesma na história da população negra soteropolitana, que passa a encarar aquele lugar como espaço de resistência. É dentro dessa perspectiva que podemos começar a pensar na feira de São Joaquim como uma grande encruzilhada, espaços onde se cruzam histórias, culturas e vivências. Chamamos de encruzilhada um ponto de encontro entre dois caminhos, onde também é possível perceber que, apesar de cruzados, estes

caminhos seguem. Aquele ponto de encontro é aquilo que Ramos (2019) chama de “‘ponto de intersecção’, é um novo espaço, um ‘espaço atravessado’, de encontros, desencontros, mudanças e alternâncias; um lócus de intermediação” (Ramos, 2019, p. 04). De acordo com Leda Maria Martins, são nas “encruzilhadas que se tece a identidade afro-brasileira” (Martins, 1997, p.26). Rufino afirma que:

A noção de encruzilhada emerge com a disponibilidade para novos rumos, poética, campos de possibilidades, práticas de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. (Rufino, 1987, p. 13)

Assim, entendemos que este ponto de convergência ultrapassa a percepção de religiosidade que se tem da encruzilhada, não apenas atingindo aspectos cotidianos, mas também se colocando enquanto local de resistência diante de um mundo opressor, permitindo se encontrar nas vivências diárias e contribuindo para a formação de uma identidade local através da ocupação de espaços de sociabilidade. Martins (1997), traz que a encruzilhada:

é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação (Martins, 1997, p. 28)

A encruzilhada é entendida por possuir um caráter dinâmico, onde se torna possível construir relações ou modificar outras já existentes, se tornando uma alegoria para relações de sociabilidade e o dinamismo que as regem. Logo, considerando que mercados populares e feiras livres possuem o entendimento da valorização das relações entre as pessoas, nota-se que o papel dos mesmos no abastecimento de famílias é apenas uma característica que os rege. A relação que se estabelece entre as pessoas e entre elas e o próprio espaço determina uma sensação de pertencimento e se cria um senso de coletividade. É este caráter existente que permite o entendimento da multidimensionalidade da feira livre, permitindo a sua interpretação como encruzilhada, tanto do ponto de vista físico como cultural. Ali nós encontramos saberes, hábitos e práticas que se cruzam, dando origem a uma cultura própria, bem próxima do ideal original, mas única em suas próprias nuances. Essa multiplicidade de culturas, que passa a ser percebida em feiras livres, mas especialmente em São Joaquim, nos leva a entender que tais ideais foram sedimentados ao longo dos anos, desde o período da feira do Sete. Desde a sua instalação enquanto equipamento urbano, a diversidade social e cultural sempre foi um marco da feira, possibilitando a construção de uma identidade própria, produto da miscigenação cultural que se desenvolveu ali. Ali é possível vivenciar o encontro de práticas sociais, que passaram a se agregar. Leda Maria Martins traz que “esse processo de cruzamento tem engendrado, ao longo da

história, jogos ritualísticos de linguagem e performances culturais” (Martins, 1997, p. 26). Percebe-se então que a relação homem-espço existe porque ali é um local onde é possível expressar a sua identidade, que passa a ser interpretada como natural daquela localidade. Daí notamos que isso pode ser vivido em manifestações culturais que se desenvolvem ali, na religiosidade que passa a ser vivida e associada àquela parcela do espaço urbano. Essa apropriação do espaço permite o entendimento da feira como um espaço negro, que nos leva a perceber a utilização de uma estética afro-brasileira, que constrói a imagem dos mercados, os transformando em centros culturais. Isso permite a associação de mercados, como a Feira de São Joaquim, à religiosidade e à cultura afro-brasileira. Partindo do exposto, podemos inferir que a ideia de fazer parte de um grupo permite maior inserção dos indivíduos na sociedade, de modo a fazer daquele espaço uma extensão do próprio grupo. Isso pode ser percebido na forma como aquele espaço passa a ser ocupado e nas expressões artísticas e culturais que acontecem ali, possibilitando a associação dele aos seus ocupantes. Esta ideia colabora para a construção de um senso de liberdade, uma vez que se torna possível a percepção de estéticas ligadas aos determinados grupos no próprio espaço ocupado. Esta estética passa a ser símbolo dos grupos, atuando como um demarcador no território, que começa a ser reconhecido pelas características atribuídas pelos próprios ocupantes.

3. CAMINHOS DE SÃO JOAQUIM

Uma vez que se entende o papel cultural que é associado à feira de São Joaquim, entende-se como importante debater o desenho da feira e a forma como este padrão é apropriado pelos seus habitantes. Como explicitado anteriormente, a feira assume um papel de cruzamento cultural. Mas a ideia de local encruzilhado não existe apenas do ponto de vista simbólico, mas também no físico. A forma como a feira foi desenhada nos permite encontrar inúmeras encruzilhadas, resultantes do cruzamento entre corredores internos, como mostrado na figura 3, que exemplifica um dos inúmeros cruzamentos de corredores existentes na feira de São Joaquim:

Figura 3: Encruzilhada na feira de São Joaquim



Encruzilhada formada pelo cruzamento de corredores na Feira de São Joaquim.
Fonte: autoria própria.

Vale ressaltar que o exemplo demonstrado na figura 3 configura apenas uma das encruzilhadas existentes na feira. O seu desenho original era composto por quadras, onde cada quadra era limitada pelas vias. O cruzamento destas vias resultava numa grade de encruzilhadas que se estendia por toda a feira. Estas vias, além de permitirem a circulação de vendedores e compradores, subjetivamente foram ressignificadas, representando símbolos ancestrais de um grupo. A observação de elementos, como este indicado na figura 3, permitiu a análise do desenho da feira e a forma como o mesmo passou a ser interpretado pelos seus usuários.

Do ponto de vista do desenho urbano, Kevin Lynch nos traz que:

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. (LYNCH, 1999, p. 2)

Esta afirmação nos leva a perceber que o traçado urbano não é fixo, ele é mutável. Essas modificações ocorrem para atender a necessidade dos usuários, que passam a influenciar o espaço físico, uma transformação que visa o bem estar. São estas modificações que fazem daquela parcela da cidade mais próxima dos seus habitantes, espelhando no espaço urbano as próprias características dos grupos sociais.

Do ponto de vista da religiosidade africana, as encruzilhadas e os mercados são domínios de Exu, orixá da comunicação e dos caminhos, descrito por Martins como “o canal de comunicação que interpreta a vontade dos deuses e que a eles leva os desejos humanos.” (Martins, 1997, p. 26). Para o candomblé, a encruzilhada também simboliza o cruzamento que existe entre o mundo material e o espiritual, sendo um local de convergência energética e regida por Exu. De acordo com Pereira (2025) “Exu é o próprio movimento, o próprio dinamismo. Essa força motriz que permite a determinação e construção de relações tão intensas que ditam as formas de ocupar o espaço” (Pereira, 2025, p. 51). Tem-se que a própria ideia de se movimentar está sob a regência de Exu. O dinamismo e o movimento, tão presentes nas feiras livres, fazem parte do domínio do orixá, que passa a ser percebido em todas as ações do cotidiano e, quando pensamos em São Joaquim, as encruzilhadas se tornam palco destas manifestações, que são experienciadas e percebidas por seus habitantes. Assim, podemos inferir que, o fato da feira possuir em seu interior inúmeros cruzamentos, permite maior identificação com o espaço, uma vez que a encruzilhada possui papel sagrado para o culto. As encruzilhadas existentes no desenho original da feira assumem uma outra conotação: elas deixam de ser apenas cruzamentos de caminhos, elas passam a ser representações físicas da própria religiosidade africana, vivenciada diariamente nos corredores da feira.

Quando pensamos no desenho da feira, Oliveira e Trinchão (2010), num trabalho que discute o papel do desenho afirmam que “O Desenho era a linguagem entre o arquiteto, o engenheiro e o mestre de obras, mas, ao mesmo tempo, se constituía também em mercadoria — obra de arte, projeto arquitetônico ou desenho decorativo.” (Oliveira Trinchão, 2010, p. 120). O desenho passa a ser visto não de forma individual, mas ciente do valor agregado ao mesmo. Da mesma forma, o desenho se mostra como aquele elemento transformador do espaço urbano (Oliveira e Trinchão, 2010) possibilitando a apropriação do mesmo pelo grupo social que o ocupa. Entende-se então que o desenho da feira carrega significados que se relacionam com as práticas locais. A feira passa a demonstrar nas suas ruas o reflexo da religiosidade do grupo que fortemente a ocupou, a transformando em um espaço onde material e espiritual convivem harmonicamente. Oliveira e Trinchão ainda nos falam sobre o que elas chamam de Desenho Industrial, apontado pelas autoras como “resultante da concepção, projeção e ideação do desenhador, sendo, sobretudo, voltado para as exigências da cultura material humana.” (Oliveira e Trinchão, 2010, p. 124). O desenho passa a ser visto como ferramenta para que o espaço transformado atenda as necessidades dos seus usuários, bem como uma ferramenta de interpretação da cidade, que passa a ser reconhecida pelo seu desenho. Mas, para além disso, podemos perceber também que, mesmo com a transformação do espaço, o mesmo se modifica diariamente, sendo a ele atribuído valores, não do

ponto de vista econômico, mas valores sociais, relacionados à sociedade que os ocupa. Trazendo mais uma vez a ideia de Lynch expressa neste trabalho, o espaço urbano está em constante modificação, e a base para esta transformação está no desenho que se propôs inicialmente.

Temos então que o próprio desenho da feira favoreceu não apenas a sua ocupação, mas também a aceitação por parte dos feirantes para aquele novo local, uma vez que era possível ver nas ruas internas elementos que não apenas faziam parte de um cotidiano, mas conversavam diretamente com um saber ancestral, que está posto para a humanidade na forma de histórias e de uma religiosidade latente. Os caminhos encruzilhados que foram entregues após o incêndio da antiga feira de Água de Meninos, mesmo que possivelmente sem intenção, conversou diretamente com marcos e caminhos presentes na história de negros e seus ancestrais que chegaram ao Brasil para trabalho forçado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira de São Joaquim, em seus anos de existência, se mostra um local movido a cultura e saberes populares. Dentro da perspectiva de uma feira livre, temos que seus compradores, em sua maioria, são pessoas que a procuram devido aos preços baixos. Mas são estes mesmos compradores, juntamente com os feirantes, que fazem a feira ser o que ela é: um local vivo e dinâmico que transmite diariamente a energia dos seus ocupantes. A feira não para. Esse dinamismo se relaciona diretamente ao orixá que a rege, Exu. Exu é o próprio movimento e sua atuação pode ser percebida no cotidiano da feira. Este movimento incessante, a troca comercial, a negociação, todos esses fatores fazem da feira um local ativo, conhecida por seus sons, seus caminhos e cheiros que sempre se fazem presentes. No que tange o desenho urbano da feira, ao longo dos anos foi possível perceber modificações na sua trama, fazendo da mesma um espaço cada vez mais próximo dos feirantes e compradores. São estes usuários que trazem a cara da feira para seus corredores, se fazendo presente em cada ação que ocorre ali. O desenho passa a ser uma ferramenta que ajuda a organizar o espaço, permitindo que a localidade tenha características próprias, mesmo diante de modificações. Estas modificações, por mais que muitas vezes pareçam aleatórias, são reflexo dos anos de ocupação e carregam em si as práticas e saberes dos que vieram antes, os que moldaram a história e permitiram que a feira se tornasse o que ela é hoje. Assim, a feira pode ser encarada como símbolo de um grupo que fez de Salvador a sua casa, favorecendo a construção de uma identidade que viria a ser única e inconfundível.

REFERÊNCIAS

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, [1960] 1999.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. (org. Alex Ratts). Rio de Janeiro: Zahar, 2021

NOVAES, Luciana de Castro Nunes. **O Exu Submerso: uma Arqueologia da Religião e da Diáspora no Brasil**. Editora Appris, 2019.

DE OLIVEIRA, Daiane; ANGÉLICO, Augusto. **A feira de São Joaquim como Ambiente Econômico: Uma Análise do Mercado. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 10, n. 1, 2007.

OLIVEIRA, Lysie dos Reis; TRINCHÃO, Gláucia. **Desenho Registro e Memória visual: ideias preliminares sobre saberes**. PRODUÇÃO VISUAL: Criatividade, Expressão Gráfica e Cultura Vernacular. 1ed. Feira de Santana/Santa Maria: UEFS Editora e sDHCs, v. 1, p. 1-300, 2010.

PEREIRA, Rodrigo Oliveira Mato Grosso. **Manifestações culturais, representações e lugares na Feira de São Joaquim, Salvador/BA, após intervenção de 2012**. Orientadora: Lysie dos Reis Oliveira. 2025. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) - Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2025

POCHAT, Alex. feira de São Joaquim: um campo do compor. In: Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 2014. **Anais do SIMPOM, n. 3, 2014**. UNIRIO. Disponível em <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/4484>. Acesso em 12 de dezembro de 2025

RAMOS, Jarbas Siqueira. Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção. **Anais ABRACE, v. 20, n. 1, p. 1-17, 2019**.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**, Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2019

SARR, Felwine Sarr. **Afrotopia**. São Paulo: N-1 Edições, 2019

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. São Paulo: Ed. Record, 1997

TAVARES, Odorico. **Bahia: imagens da terra e do povo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. Introdução de Osmar Barbosa. Ilustrações de Carybé, 1961.